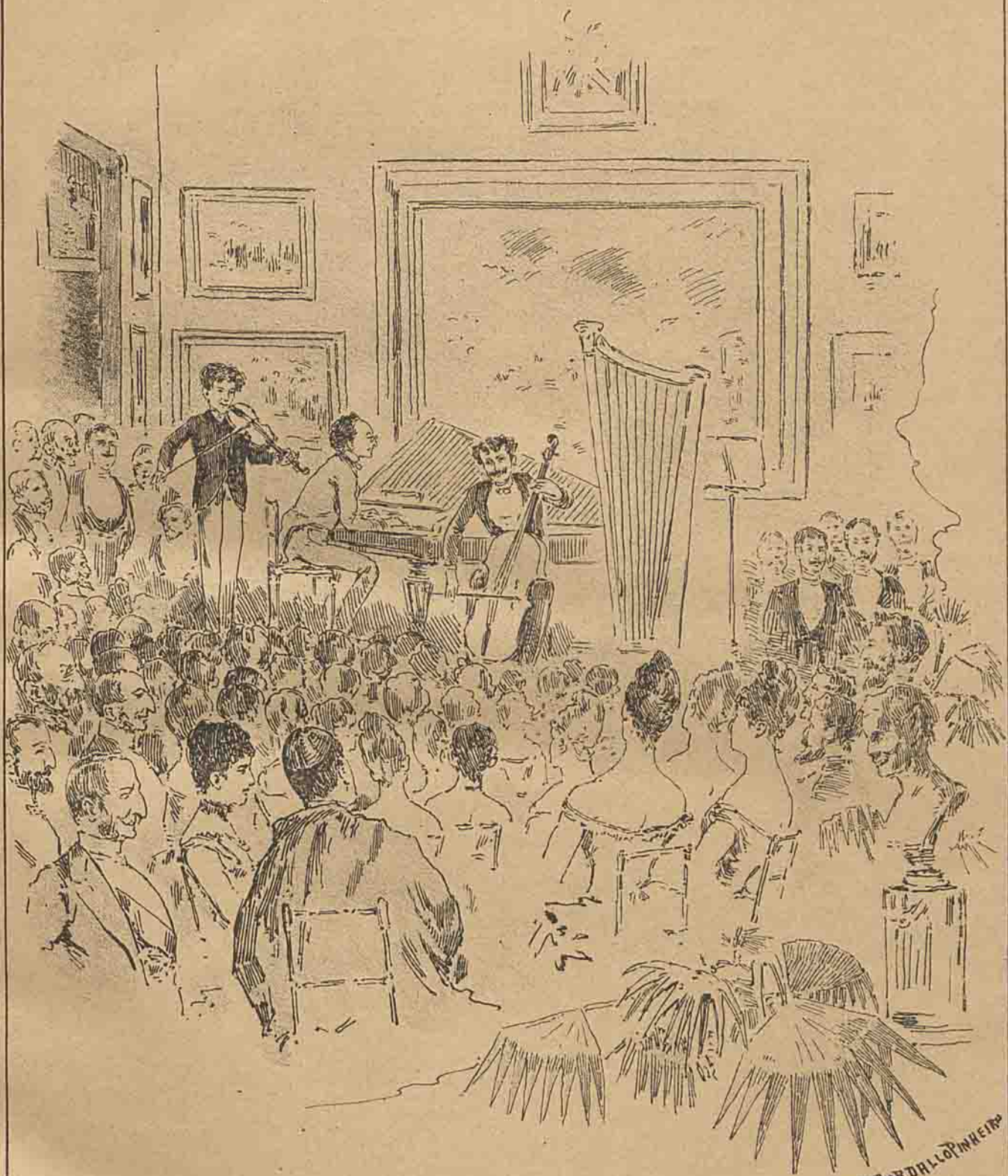


A SOIRÉE MUSICAL DOS SRS. CONDES DE DAUPIAS



Saboreia-se ali, no interior d'aquellas salas brilhantemente decoradas, como que um nupcial de aprimorado gosto que lisongeia o paladar dos enamorados da arte.

Os srs. condes de Daupias são talvez os únicos fidalgos portuguezes que não reputam completas as suas festas sem o convívio intimo dos artistas.

E é assim que fomos lá encontrar, na esplendida *soirée* musical de ante-hontem, além de muitos outros, os notabilissimos artistas Rey Colaço, Rubio e Burmester; aquelle o pianista portuguez cujo merito de ha muito se consagrou no estrangeiro e que ainda assim progride sempre e sempre; o outro, o violoncelista hespanhol que o leitor feliz deve conhecer d'uns raros concertos publicos; e o ultimo, o rabequista allemão, um pequeno, uma creança a quem a arte concedeu em quinze annos de idade o que a tantos não concede em dobrado tempo de trabalho.

Junte-se a isto o trato despretenciosamente fidalgo com que se recebe n'aquella casa, verdadeiro e precioso museu d'obras artisticas, e far-se-ha assim ideia do que é uma *soirée* musical offerta pelos srs. condes de Daupias.

POR AHI...

O entrudo está a bater-nos á porta.

Como que se ouve já tilintar alegremente o guiso jovial do arlequim—o contraste inexplicavel!—do arlequim sensaborão!



A bisnaga invadiu toda a cidade, assenhorando-se dos vitrines dos barbeiros, em substituição dos paus de cosmetico; das montras dos merceiros, pondo fora a linguça de Castello de Vide; dos mostradores dos estanqueiros, expulsando as caixas dos charutos havanos.

O unico estabelecimento indemne da invasão d'essa praga é a Casa Havaneza, o que nos leva a crêr que a bisnaga vae feita com o sr. ministro da fazenda na expulsão dos tabacos estrangeiros...

Quando a bisnaga appareceu pela primeira vez em Lisboa não chegou para um centesimo das encomendas. Hoje, multiplicou-se por tal forma que, por estes annos mais proximos, se torna necessario suspender a importação de bisnagas para consumo da população, accudindo antes á importação de colonos para o consumo das bisnagas.

E então que tamanho de bisnagas!

Por quatro ou seis vintens—além do frete a pau e corda—fica uma pessoa provida d'agua para metter toda a familia na barrella.



Se a bisnaga e a companhia das aguas quizessem permutar os seus serviços, andariam os contadores mais bem providos e a humanidade muito menos esguiçada.

Mas, a despeito do carnaval que se approxima, a despeito da bisnaga que campeia, a despeito do garoto que já atravessa as ruas tocando castanholas como quem faz tirocinio para gallego, a despeito de tudo, enfim, a cidade não se enthusiasma para a folia, não se prepara para o delirio, não sente pular-lhe o pé para a contradança!

A cidade anda accessa n'outra preocupação, fumando contra o sr. ministro da fazenda, e espirrando contra o monopolio do tabaco!

Sobre a cabeça sempre genial e nunca penteada de s. ex.^a, desabam n'este momento as maldições de milho e meio de estanqueiros.

Assim, a dois passos do carnaval, está tudo bufando contra o sr. ministro da fazenda!

O sr. Burnay, sobretudo, é que bufa d'uma maneira descommunal!

Bufa na imprensa, bufa na Havaneza, bufa nos meetings, bufa nas provincias, bufa no estrangeiro, bufa por toda a parte.

E elle que bufa é que lá lhe cheira á pitada que o monopolio lhe faz perder e que o sr. Marianno vae fungar por sua vez...



Não sabemos se o sr. ministro apanha effectivamente pitada grossa na negociata de Xabregas, mas ha na verdade o que quer que seja justificativo, até certo ponto, da *vox populi* que ao assumpto se refere.

Lá que o sr. Marianno de Carvalho teve sempre uma inclinação decidida pelos sitios de Xabregas—uma d'aquellas inclinações que até parecem resultado de predições aruspicias—isso é ponto incontroverso.

Ha até por ahi quem diga—e não sabemos se n'esse numero entra a parteira cujas mãos tiveram a honra de aparar as banhas tenras e de compôr a moleirinha talentosa de s. ex.^a;—ha por ahi quem diga que o sr. ministro da fazenda, logo aos primeiros vagidos, e mesmo antes de pedir *chi-chi*, pedira a rosa dos ventos, a qual immediatamente lhe fôra fornecida.

E diz-se mais que o sr. Marianno, tendo observado por longo tempo a citada rosa e estudado attentamente os designados ventos—com a consciencia e o talento com que uma criança assim pequena pode observar rosas tão intrincadas e estudar ventos de semelhante natureza—diz-se que o sr. Marianno alongara o predestinado fura-bolos, depondo-o finalmente sobre a rosa, no ponto indicador do vento que vem d'as bandas de Xabregas.

Bruxas afamadas e feiticeiros eruditos chamados a explicação do caso, foram todos de parecer que o menino tivera dedo apontando a dedo o caminho por onde havia de fazer carreira.



E é effectivamente para aquelles lados que o sr. Marianno tem *feito carreira*, desde que abandonou o S. Miguel da sua botica para se apegar com o S. Bento da representação nacional!

Como o imã, que tem a attracção positiva e negativa, o sr. Marianno, pendendo para os lados do este afastava-se instinctivamente das bandas de leste.

Assim se explica claramente aquelle primitivo rancor de s. ex.^a pelo paço da Ajuda, que fica proxima-mente situado a leste.

E assim se explica igualmente a attracção do mesmo sr. para este, que é onde fica *Santa Apolonia*, por onde s. ex.^a começou a *fazer carreira*...

Depois de Santa Apolonia, sempre com a mesma propensão e tendo demais a ajudal-o a velocidade adquirida, o sr. Marianno foi bater com os ossos em Xabregas.

Se a carreira de Santa Apolonia—porque s. ex.^a não estava ainda no governo—lhe deu apenas o *premio de consolação*, esta carreira de Xabregas—pois que,

s. ex.^a é já ministro—deve dar-lhe forçosamente o premio do governo.

E assim se estão realisando as predições dos aruspices.

Se o sr. ministro continua a marchar para aquellos lados, não será muito que esteja um rival de Rotchild no dia em que chegar ao Poço do Bispo.

*
*
*

1.^a solteirona:

—Dos tabacos na contenda
Tudo por hi se alvoroça;
E' alguém me disse na tenda
Que o ministro da fazenda
Apanha *pitada* grossa...

2.^a solteirona:

—Se a verdade não se altera,
Se apanha d'isso o magano,
Digo-te muito sincera:
Quem me dera, oh! quem me dera,
Ser agora o Marianno!

PAN-TARANTULA



O CASO DE S. JULIÃO

A meia noite em ponto, quando os espectros iam sair do tumulo e o sr. ministro da guerra ia metter-se na cama, recebeu s. ex.^a o seguinte telegramma atterrador:

12. n. S. Julião da Barra. Soldados querem ir para a bérra. Official tem a mesma birra. Receio que me façam em borra. Mande general a cavallo em burra.

O sr. ministro, comprehendendo a gravidade do facto, ordenou immediatamente á sua ordenança, que já lhe descalçara a bota do pé direito e se preparava para lhe descalçar a do esquerdo:

—Suspende, armas! E levantou-se de salto, com a bota de cano n'um pé e o chinello moiro no outro. as fitas das cercoilas desatadas, poz o chapéu armado mesmo em cima do barrete de algodão que lhe aquece as orelhas e saiu como um cyclone em cata do general da divisão.



O sr. José Paulino já tinha por seu turno recebido igual participação e estava acabando de envergar a sua farda de guerreiro. Cingia á pressa a espada das batalhas, enquanto na cocheira acabavam de lhe atrear o seu cavallo de combate.

—Essa féra está prompta!
—Prompta, general!
—Deram-lhe ração dobrada, para que lhe pique a cevada na barriga!
—Deram, general!
—Puzeram a carabina no arção da sella?
—Puzeram, general!
—Metteram nos coldres as pistolas bem carregadas?
—Metteram, general!

—Bem! Então váe buscar uma tipoia de praça para me levar a S. Julião da Barra... Mas escolhe alguma de boas molas e que não dê muitos solavancos, porque ha tres dias que vejo uma bruxa com o demonio do hemorrhoial...

O sr. ministro da guerra foi para a estação do Terreiro do Paço esperar noticias telegraphicas e atar as fitas das cercoilas.

D'ahi a pouca entregavam-lhe o seguinte telegramma:

«S. Januario. Lisboa. Soldados dessoldados: cabos partidos. Balas.

„S. Julião.»

O sr. ministro já suava preto por não perceber o telegramma.

Alfapal descobriu-se que o despacho era d'um sujeito da provincia chamado *Sebastião Julião* e dirigido a um funileiro de Lisboa, com o endereço abreviado de *Senhor Januario*, além de se queixar d'umas caçarolas cujos cabos se tinham dessoldado! O final do telegramma não queria dizer balas: era um desabafo e queria dizer—*bolal*!

A este tempo chegava o general á torre de S. Julião, com a bilis guerreira e o ataque hemorrhoial inflammados ao desafio.

Assumindo o commando das tropas já ali estacionadas, o general ordenou para um subalterno:

—Mande a quatro homens e um cabo que se conservem a distancia de vinte passos d'aquelle monte de tojo, até nova ordem.

E indicou o monte de tojo, indo em seguida soffocar a rebellião, que já estava dormindo a somno solto.



Quando o general sahiu da torre de S. Julião os quatro homens e um cabo subiam a calçada da Ajuda guardando religiosamente a distancia de vinte passos... atraz d'uma carrada de tojo!

PAN-TARANTULA.



A QUESTÃO TABACO



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

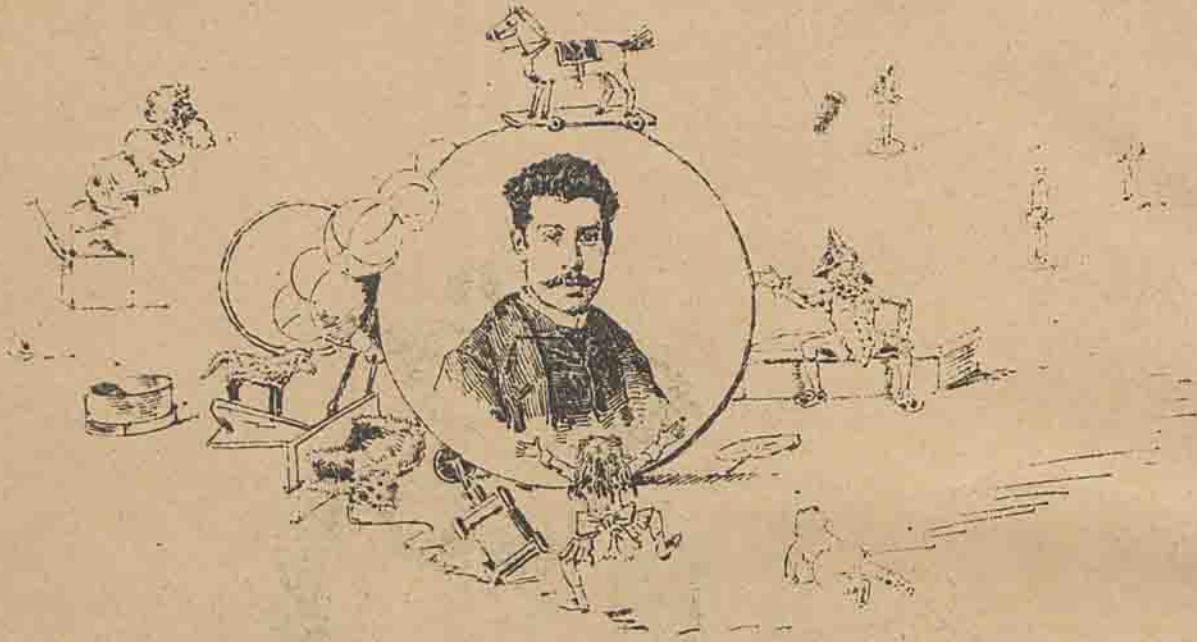
- Isto é que era um grande charuto!

- Pois sim; mas este aí é mais grosso...

- Elles tem os charutos e eu é que estou fumando!...

ÀS CRIANÇAS

91 — TRAVESSA DE S. NICOLAU — 93



De lindos brinquedos
Enorme estendal
Se encontra na loja
D'Aurelio Sobral.

Bébés e palhaços,
Dos duros e moles,
Cornetas, trombetas
E gaitas de foles.

E um tal sortimento
De coisas tão bellas
Por preços da altura
Do anão das cautellas!

THEATRO DOS RECREIOS

Sabbado, 12 de fevereiro, festa artistica do actor Mello
com a primeira representação da «Nitouche»

O Mello, p'ra tudo
Tem geito e quindins :
Faz ditos, faz versos
E faz folhetins.

Faz graça co'as damas,
Faz mais—faz amor...
Faz varios papeis,
Faz d'ensaiador.

P'ra ter d'um *faz-tudo*
Direito ao officio
Até não lhe falta
Fazer beneficio!



ÀS PARTEIRAS

E' muito intencionalmente que escrevemos o titulo acima, visto como o assumpto em questão não interessará absolutamente nada aos nossos leitores, mas vai interessar indubitavelmente muito ás nossas leitoras—que tenham cruces á porta.

O caso deparou-se-nos entre os «Casos semanaes» do *Interesse Publico*, onde o sr. Paes de Figueiredo espalha pétalas de rhetorica com a profusão com que os anjinhos da Bica de Duarte Bello espalham pétalas de rosa em dia de Nosso Paes aos Entrevados.

Ora esentem

«Não é precisamente a brisa perfumada de que fallam os languidos poetas, aquella que agora perpassa pelos nossos palcos.

Não se ouve lá dentro a musica dos ninhos em symphonias de alegria, nem as nossas gentis artistas sentem cá fóra, nas platéas, a musica das palmas em estrondos entusiasmados.»

Até aqui nada de extraordinario, nem mesmo o espanto do chronista por não ouvir dentro dos nossos palcos «a musica dos ninhos em symphonias de alegria.»

Nós tambem nunca ouvimos. Temos revistado diversos palcos, desde os camarins das mais galantes artistas até os esconsos da arrecadação, e, se por lá existem ninhos que tocam symphonias, com privilegio de caixas de musica, podemos assegurar-lhe que nunca demos com elles...

Uma corista das nossas relações é que ha tempos deu com um ninho de ratos no seu camarim, mas, se era ninho musical, não se chegou a averiguar cá fóra—talvez porque a symphonia fosse tocada em surdina...

Mas voltemos ao caso.

Continúa o sr. Paes de Figueiredo:

«Não é a brisa dos poetas, não! É o vento arido e secco do deserto, sem prenhez de perfumes...»

Aqui é que bate o ponto! *Prenhez de perfumes!* Isto não é simplesmente uma frase litteraria: isto é uma verdadeira revelação scientifica e, sobretudo, uma questão criminal do maior alcance!

De principio imaginámos que o typographo errára a composição da frase transpondo-lhe as palavras—o que daria um perfume aliás muito desagradavel...

Mas não senhores; a frase é aquella, é assim mesmo, talqualmente como foi composta: *prehez de perfumes.*

Prenhez de perfumes! Mas veja o sr. commissario de policia quantos abortos criminosos se terão dado por esse mundo de Christo sem que as denuncias de taes crimes lhe chegassem aos ouvidos!

E nem era possivel chegarem-lhe!

Está claro que o aborto d'uma *preñez de perfumes* não chega aos ouvidos de pessoa alguma: — o mais que pode é chegar-lhe ao nariz...

E depois, com que facilidade se pode promover um aborto d'aquella natureza...

Para abortar um feto de carne e osso está averiguado que é indispensavel, pelo menos, a intervenção d'uma agulha de *crochet*; mas, uma *preñez de perfumes*, qualquer pôde desmanchar sem dependencia da parteira. Bastará fazer um pequeno esforço, dar um geitinho auxiliador, para que o feto aborte immediatamente, sem deixar vestigios da sua passagem e sem necessidade de o enterrarem no quintal ou de o conservarem n'um frasco de espirito de vinho...

Quantos crimes repugnantes de perfumes abortados não irão por essa Lisboa a cada passo, a cada instante, em cada ponto!

Nos theatros, na Avenida, nos bailes, no proprio lar, quantos amôres peccaminosos se não terão encoberto por meio de crimes ediondos, fazendo abortar

perfumes innocentes. á face do publico, nas barbas da policia, nas ventas da familia!

Quantas meninas, havidas por honestas, não terão, no delirio d'uma valsa, no galope d'uma contradança, abortado ali mesmo, descarroavelmente, surrateiramente, sem que d'esse crime tenebroso passe ao menos uma leve suspeita pelo espirito dos assistentes, passando apenas, quando muito, uma breve desconfiança pelo nariz dos que lhe ficam proximos...

Por aqui se avalia, por aqui se pesa, por aqui se afêre, por aqui se aquilata, a alta importancia, o grande alcance, o enorme valor, o estupendo merecimento da revelação do sr. Paes de Figueiredo no que respeita a *preñez dos perfumes*!

Commissarios de policia effectivos ou adjuntos, parteiras de Lisboa approvadas ou não approvadas, lançae vos no rasto d'esta *preñez* até hoje ignorada, procurae, syndicae, espreitae e cheirae todo o sexo fragil, porque é mais de que certo que anda moiro nas costas — isto é, *preñez de perfumes* por ahí além...

Moralidade, abre bem os teus olhos! — o que quer dizer que abras bem o teu nariz!

E tu, Paes de Figueiredo — desculpa o tratamento, mas foi assim que tratámos o Ferran, no dia em que elle descobriu a prophylaxia do micobrio — tu, Paesinho d'um anjo, tu, Figueiredinho das nossas entranhas — foi assim que tratámos o Pasteur, no dia em que elle descobriu a prophylaxia da raiva — tu, permite que te immortalisemos publicando-te o retrato, para que o mundo te admire e o governo te conceda um privilegio de quinze annos como descobridor legal da *preñez de perfumes*!

Eil-o:

PAN-TARANTULA



CASOS, TYPOS E COSTUMES

UM CONQUISTADOR TEIMOSO



Seguindo-a teimoso,
Vae indo, vae indo,
Cospindo e fumando,
Fumando e cuspindo:



Porém ella volta-se
Em tom resolutivo;
Lá vae co'os diabos
Boquilha e charuto!

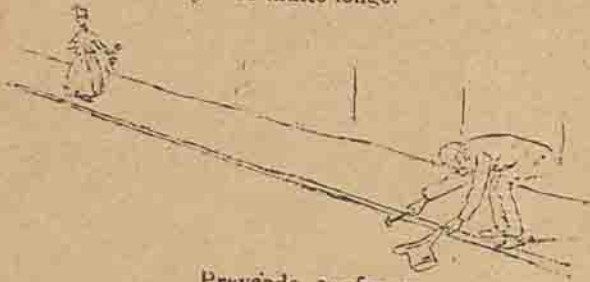


Embora! Teimoso
Lhe segue as passadas,
Tossindo a meudo,
Largando piadas.

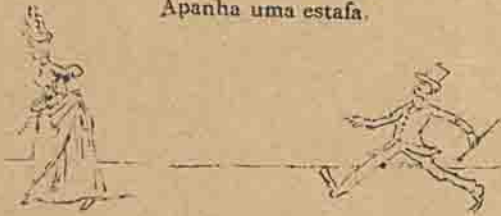


Á ingrata, nas ventas,
Assenta-lhe a mão
E prega com elle
De trombas ao chão.

La se ergue calado.
Paciente qual monge:
E a dama entretanto,
Já vae muito longe.



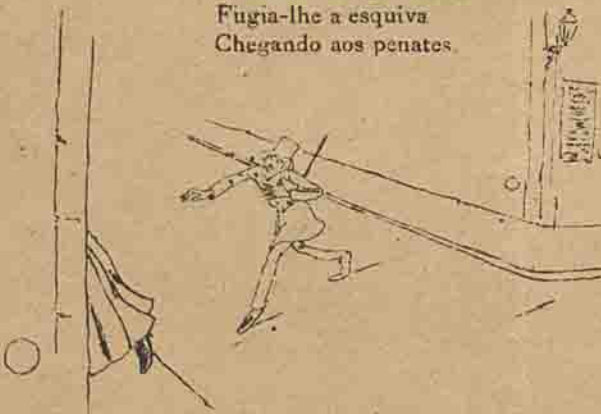
Prevendo, se afrouxa,
Que a dama se safá,
Correndo atraz d'ella
Apanha uma estafa.



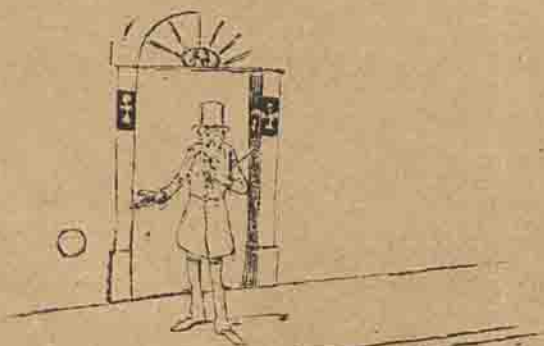
E sempre atraz d'ella.
P'las ruas mais falsas,
No fim d'hora e meia
Gemia:—Que calças!...



E quando implorava:
—De dor não me mates!
Fugia-lhe a esquiua
Chegando aos penates.



E ainda, p'ra cumulo
De troça e desdem,
Na mão, p'lo serviço.
Lhe deixa um vintem!



Como elle prosiga
Na audaz teimozia.
Sobre elle, a malvada.
Despeja a bacia!



—Ingrata! (inda teima)
Que o meu peito adora.
Em braza por dentro.
Molhado por fora!



Mas n'isto se acerca
O esposo da pomba
E dá-lhe uma sova
D'aquellas d'arromba!



Apita com força
Fugindo á muxinga,
Emquanto o marido
P'ra casa se tinga.



E ao vir a policia
O pobre, surpreso.
Vê que inda pôr cima
De tudo, vae preso!



PAN-TARANTULA

M. Augusto B. do P. do P.